

ENTREVISTA COM O BRIGADEIRO CAMARÃO Nov. 82

A Dominique Galois, Lucía von Helthén e Vincent Carelli.

Na realidade eu havia acabado de chegar para a região, nós ainda tínhamos dificuldades de meios aérios para invadir a área, faltava campo de pouso, faltava avião para distâncias nos rios, nós tínhamos alguns aviões que não estavam - por muita insistência nossa estavam convertendo os Catalinas que eram considerados aviões de guerra que havia no Pará, em Belem - uma base que tratava esses aviões <sup>como</sup> ainda válidos do ponto de vista de guerra, <sup>mas</sup> nós achávamos que estavam caducos para esse fim inclusive já era perigoso amerrisar com eles em mar a gente tinha que se limitar a rios. Então já tinha uma proposta antiga da qual eu fizera parte parte no passado, numa das vezes anteriores que servi lá - que era converter os Catalina (de patrulha) em aviões de correio, aviões de rotas internas.

Quando cheguei como chefe de estado maior da zona em fins de 57 começo de 58 aí nós já estávamos com essa conversão iniciada, que era feita na América. O avião vinha em condições de ser empregado no interior da Amazonia.

Apesar da zona ocupar toda a Amazonia Legal, hoje se chama Comando Aéreo Regional. Naquela época era a 1ª Zona Aérea. Apesar de ela ter a fiscalização teórica de toda a Amazonia Legal, ela não tinha como fiscalizar.

Em começo de 58 apareceu em Belem, uma doutora Dora (baiana) que pediu recurso para chegar até o Cururu. Ela ia fazer para a Univ. da Bahia um trabalho que ia ser apresentado no Canadá sobre o tipo de sangue predominante entre os índios. Era aquela tentativa de compevar por meios biológicos a ligação do nosso índio com a raça amarela. Eu não sabia onde era o Cururu, não havia na zona da qual eu era o chefe, referência. Com muito custo a gente descobriu que no passado durante uma das famosas intencionas de Haroldo Veloso, a famosa Jacaréacanga - as forças leais, não chegou a ter força leal, foi uma coisa muito localizada essa rebelião do Veloso, mas ele ficou num lugar muito inacessível - em Jacaréacanga e o governo tinha que mandar gente pra lá pra prender. Então foi improvisada uma pista na Missão de alemães <sup>S. Francisco</sup> que já vinha desde 1911 trabalhando na área, tinha criado ali uma espécie de cooperativa não formalmente estabelecida como

cooperativa, era apenas uma missão. , recebia auxílio da Alemanha e um auxílio teórico, vamos dizer só pra justificar sua soberania, do governo brasileiro. Não tinha valor nenhum esse auxílio, não tinha nem professor, não tinha nada. E esses alemães e umas freirinhas predominantemente alemãs, estava começando a surgir umas freiras brasileiras. Depois de localizarmos o local e de (sabermos que existia uma pista improvisada, eu levei a Dra. Dora e uma auxiliar dela, que fazia a contagem do exame sanguíneo, pousamos com dificuldade e ali encontramos uma população de 300 ou 400 índios na sede com um total de 1200 índios Munduruku. E foi assim que surgiu o primeiro contato. Nos melhoramos a pista, criamos uma linha regular para lá. Conge- guimos evacuar toda a produção dessa cooperativa -que era borracha e castanha, eva- cuar para centros onde eles eram melhor remunerados. Então deixando a castanha ou em Belem ou em Santarem, os padres conseguiam muito melhor remuneração e os índios se enriqueciam com isto podendo comprar suas máquinas de costura, ~~xxxx~~ etc. Isso veio desde 1958 até agora continua. Posteriormente os alemães foram substituídos pelos americanos, A missão continha até hoje F<sup>anciscana</sup> mas por algum problema de geopol- tica dividiram as duas dioceses. Uma ficando em Santarem v inculada a uma cidade qualquer americana, e a outra vinculada à Recife -em Óbidos. ERA um bispo em Santa- rem e um bispo em Óbidos. A gente investiu e conseguiu que o frei Placido ficasse lá até aos oitenta anos. Ele saiu e morreu posteriormente em Óbidos. Com a vinda dos americanos eles trouxeram mais recursos, nosso auxílio perdeu um pouco, aquele in- teresse premente inicial. Nos tentamos criar ali uma escola de artesanato, uma escola a gente chamava isso de artes industriais, mas não conseguimos professores, daí eu fui transferido pela segunda vez, isso foi ao longo de vários tem pos, em 58 eu passei até em 63. Daí fui obrigado a tirar um curso, deixar a Amazonia, voltei oito anos de- pois, passei cinco anos, dessa segunda vez tive muito problema ~~xxx~~ administrativos, na construção da infraestrutura de campos e tal e ~~mixxx~~ meu contato com esses problemas foi mais atenuado, mas da primeira vez em 58, depois do Cururu, me ocorreu que havia muita coi- sa que podia ser feita, uma auxílio aéreo é muito importante, o primeiro tropeço na região era realmente o transporte. O exército tinha algumas posições em rios navegá- veis, ao longo da fronteira ele tinha 3 ou 4 posições e posições muito difíceis que eles já mantinham com muito desleixo, os homens sofriam nestes campos,. Havia um em Ciapoque, um em Boa V ista, havia um em Tabatinga, depois criaram mais dois ou tres, mas todos eles dependendo de rios navegáveis. Nos podíamos introduzir uma no- vidade, que era pontos na fronteira com um mínimo de pontes, não tínhamos recursos, esses problemas de fronteira teoricamente era nosso também, mas não estava na nossa missão explícita e nem havia recurso para isso. Então se imaginou que se a gente criasse como no Cururu, se a gente achasse voluntários missionários, já conhecidos e competentes no contato com os índios pra ficar em pontes ao longo da fronteira a gente poderia criar um centro de aculturação indígena e presença na fronteira por conta da chamada defesa nacional. A palavra mágica que se a gente conseguisse meter

debaixo desse parasol tudo bem. Então foi imaginado isso. Como do Oiapoque até Boa Vista era quase 2.000 km. de fronteira quase abandonada, e não era só fronteira que era de difícil acesso era uma faixa de cerca 500 km de largura, desde o Amapá até o Rio Branco, estou tratando do rio mesmo, que dava acesso a Roraima, era quase tudo desabitado, não só desabitada a gente tinha uma completa falta de informação. E frequentemente os jornais do sul criavam estórias a respeito muitas vezes e pra perseguir missionários, e como frequentemente os missionários são estrangeiros, é muito raro serem brasileiros, o Brasil está ainda muito perto da selva, então nós quase não temos missionários. Nos salesianos no Rio Negro havia 25 padres, um só era brasileiro (na época do meu contato mais íntimo).

Depois começaram a surgir esses missionários protestantes americanos, e isso criava um choque com essas antigas irmandades católicas. Na época havia N. Tribos e havia o principal se chamava Cruzada de Evangelização. Esse era um grupo bem organizado, com homens competentes, tinham um centro de formação de portugueses, em território de Roraima estavam começando, tinham duas missões estabelecidas entre os índios na zona oeste que é de difícil acesso, que é zona de floresta. O Território de Roraima é dividido grosseiramente numa parte de campo e numa de floresta, e esta floresta é inacessível. Houve uma expedição americana-Brasileira, sobretudo americana com o beneplácido do governo brasileiro que em 1924, coisa assim foi até as nascentes do Rio Branco que chama Uraricuera, a fronteira mesmo ainda não estava delimitada nesta época, em 65, 66 grande parte da fronteira com a Venezuela e com a Colômbia ainda não estava demarcada, o processo de demarcação é uma comissão mista que conseguia fazer poucos quilômetros por ano na época boa meteorológica, ia devagar, e essa área ~~total~~ toda estava sujeita a essas ~~mas~~ más informações as vezes mentiras. ex De uma feita, no rio Negro, conseguiram expulsar um grupo de Novas Tribos, usando o exército que tinha um pelotãozinho comandado por um tenente, em Roraima, e eles expulsaram. E iam fazer a mesma coisa com essa Cruzada quando a Zona resolveu interferir, ela se colocava na condição da Constituição, nos não somos nem católicos, nem protestantes, todos são iguais perante a lei. Do ponto de vista do trabalho com os índios, o trabalho do missionário é um trabalho muito específico muito sério, seja ele católico ou protestante é um trabalho muito importante -então naquela época o SPI tinha sempre um ou outro indivíduo competente realmente interessado pelos índios, a grande maioria era desinteressada. E essa nossa intervenção trazia meios novos para os chefes da região eram conhecidos que eu apoiava quando podia, quando ele tinha alguma missão oficial nós sempre estivemos a disposição dele, e ele não interveio nessa investida da seara dele. O chefe do SPI nessa época era o Francisco..... era uma figura -já morreu há alguns anos atrás e o filho dele é um homem conhecido que continua no meio dos índios, daqui a pouco eu me lembro o nome dele. É o Meirelles, isso o Chico Meirelles -era um homem bom, era sobretudo bom no contato

ele tinha uma capacidade de acreditar no índio, não tinha raivá de índio.

No primeiro pouso que nos fizemos -na época nos davamos o nome do rio na época Tiriós <sup>divisão</sup> quando pensamos em Tiriós, primeiro eu tive a ideia da fronteira em pontos congregando índios em torno de religiosos possibilitando com a presença da FAB que leva as coisas de emergência e sobretudo lev a a hospitalização nós podíamos dar o nosso hospital para isso, os nossos medicos para isso, e podíamos também conseguir meios quando nós não tínhamos, através do Estado.

Nos tínhamos que permitir a cristianização do índio, independente do credo, que para nos representava uma etapa cultural importante na aceitação do índio, no convívio do índio conosco. Como o cristianismo é também o nosso ponto de tradições, de moral, de costumes, o índio terá que assimilar isto, é melhor que ele assimile ~~que~~ de dentro dele pra fora, do que forçar, senão a gente faz bonecos, faz. Esse é o ponto, eu não sou antropologo, e sei que a antropologia moderna é muito violenta contra a catequização, pelo menos é uma atitude que se encontra frequentemente entre os antropologos, mas no meu contato entre índios e brancos, na minha vida profissional, eu criei que deve haver alguma maneira ~~suave~~ suave de trazer o homem através dos varios milenios de desnível cultural. O homem simples o caboclo ele é igual a nos, o índio é igual a nós, apenas ele não está com digamos usando a linguagem freudiana, com o superego formado como o nosso. Então no contato nós não nos entendemos frequentemente, e daí a mortalidade estúpida tanto de um lado quanto do outro. A brutalidade, e o desperdício de um potencial humano que foram varios milenios de adaptação ao nosso clima. Acredito que é um desperdício pouco inteligente, fora os aspectos humanitario é um desperdício que não faz sentido.

Eu tive um primeiro contato com o Cururu, reorganizamos essa ponte e daí surgiu a ideia do Trimonio. Quer dizer localizar ao longo da fronteira que era um problema nosso que eu podia cobrir com a responsabilidade militar da Zona, ninguem ia condenar que se abrisse ao longo da fronteira pontes, inclusive porque a fronteira de certa maneira é mais nossa do que o SPI, é uma responsabilidade mais nossa do que do SPI, e nem o exercito que não tinha meios, o exercito quis entrar em Tiriós por exemplo, nós não deixamos. O exercito não tem tradição de lidar com índios, ele leva guarnições grandes, e nesse caso é impossível selecionar os homens. Na nossa guarnição de dois ou tres sargentos, são homens de boa formação moral eles assistiam com grande emoção esse ~~em~~ progresso dos índios. Inclusive era nossa ~~uma~~ norma de não interferirmos diretamente com índios, qualquer coisa que se quisesse era através de missionário para garantir a unidade de doutrina.

No conego Cururu eram Franciscanos alemães, quando nos criamos Tiriós, os padres que tinham força pra convencer inclusive o provincial veio até a Amazonia, era um tipo de banqueiro, ele queria resultados concretos. Ele não teve a coragem de negar. Foi então um primeiro padre franciscano, que não sou certo, o isolamento era muito grande, mas nos conseguimos trazer os elementos capazes que ainda estão lá. Um era um mecanico bom - o frei Cirilo e o outro era o frei Angelico que estava fazendo um trabalho sobre os Mundurucu.

A vinda do frei Angelico foi devida a transferencia ~~de~~ do Cururu para o bispado de Santarem .

Houve preparaçao previa desse trinomio ?

Como estudo não era oficial, eram coisas inventadas localmente com gente dali. tinha que ser feito com muita discricao, a missao em si de ir a fronteira era uma missao militar. Entao conseguimos <sup>coordenacao</sup> meia duzia de voluntarios, inclusive um coronel mais antigo na area. Mas a delegaçao era minha que eu era o chefe do Estado Maior, e esse coronel que era disposto para o bandeirantismo foi subindo o rio Erepekuru, ou Paru do Oeste, levou quase tres meses nessa subida, tres embarcações com apoio aereo, eu estava na retaguarda para dar esse apoio. Construímos uma primeira pista intermediaria, provavelmente numa zona alagadiga, no verão ficava seca, foi facil de pousar ter primeiro contato renovar, trazer para ver a familia os membros da tripulacao - isso foi em 59. Em 58 foi a primeira procura, pra dar forma a essa primeira ideia de separar, parecia melhor separar no meio, o primeiro ponto no meio, depois subdividir e depois do meio era esse de Oiapoque e Boa Vista, depois de Boa Vista tivemos outros problemas de alcançar um ponto na montanha na fronteira do Brasil com a Venezuela no Parau, nas nascentes do Uraricuera.

Essa primeira expedição foi feita por ar, e depois estudada no ar, depois seguida pelo Paru do Oeste que tem cachoeira grandes, no verão ele fica muito baixo e no inverno fica muito caudaloso e impossível. Ai é que entrou uma noticia de um padre Francisco trabalhando para o Museu Goeldi estaria na época que eu sobreveei a região, procurando achar os indios que - pra estudar essa área nos não tínhamos muito contato, muita referencia, a Amazonia era muito abandonada, foi preciso uma leitura do livro do Cassão Cruz - A Amazonia que eu vi, que ele descreve uma ilha até a fronteira como o Rondon, e lá encontrou os indios que o Rondon chamava de outro nome - Pianokoto que são os mesmos Tiriós., então saí de Santarem e procurei os Pianokoto e não havia indios, finalmente bem na fronteira onde Rondon teria feito uma cerimonia civica quando chegou lá, e ai subitamente no lado da mata, ~~havia~~ um lado de campos nascentes do Erepekuru bem junto da Guiana Holandesa, havia uma pequena clareira quando o avião passou por cima, havia ~~km~~ um punhado de indios. Ai ficamos sabendo que um padre franciscano estaria trabalhando pelo Museu Goeldi teria feito uma subida ele e um preto que teria vindo da Guiana provavelmente conhecia a rota pra descer, chegar ao Brasil. Nós procuramos o padre que quase morreu de fome na viagem não tinha ~~comida~~, a necessaria logistica pra fazer o que ele fez e ai ele se prontificou, mas segundo ele só se poderia fazer a expedição por volta de setembro, quando as águas não estariam nem muito altas, e nem muito baixas. Começamos a montar a expedição em 59, a partir de Oriximiná, tres meses depois foi improvisada uma pista e o Catalina pousou lá. Nessa ocasião que pousamos em Tiriós havia 56 indios era extraordinaria a falta de crianças, depois viemos saber que dadas as dificuldades de vida a mãe não podia ter uma segunda criança enquanto a primeira não crescesse, eles deviam ter seus meios de evitar, mas quando a criança nascia a tribo condenava a criança enquanto a mãe tinha que cuidar da mais velha, por isso as meninas de 5 anos já estavam comprometidas e já

iam para a cabana do futuro marido onde esperariam a idade para efetivar o casamento. Hoje a gente encontra Tirios—como em qualquer lugar—predomina a criança. Hoje tem quase 500 homens.

Problema de migração dos Tirios para o Suriname— Vocês tinham essa preocupação?

Não nós estávamos ainda tomando contato e numa expedição ao Mapuera que foi nossa terceira expedição (a 1º Tirios, a 2º no Parima— 3º Mapuera) No Parâma nos entramos em contato com a Cruzada— eram homens excepcionais, e aí nos conseguimos da Inglaterra para usar um campos game streep(?) era uma especie de campos naturais  
(mudança de lado da fita)

(indios do Mapuera)

Localizavam muitos indios; voo 8 horas em cima da região, não viu nada, ai invadiu a Guiana, e perto de Kanashen havia muitos indios muitas malocas em volta da missao

logo depois mudanca de comando: Camarão sai da ~~área~~ Belém Kanashen, tem provavelmente fotografias; filmes, duas jornalistas francesas e bulgara, não foram revelados

~~mixx~~ dado nosso bom relacionamento com a Cruzada, e estes sentindo o ambiente mudando na Guiana Inglesa, eles se prestaram a colaborar então nos com a autorização do gov.ingles, pousamos ~~xxxxxxxxxxx~~ na pista de fronteira e usamos um avião menor para ir até Kanashen Os missionários haviam deixado Kanashen, so tinha indios quando a expedição chegou. Organizamos de la uma equipe, com os indios que já estavam conversados, uma equipe para acompanhar, subindo um rio guienes, até a fronteira e até atravessando a fronteira até um riozinho nosso, formador do Trombetas e a gente sairia por ai. A expedição Mapuera foi montada a partir do mapa do SPI que indicava muitos indios no Mapuera, na realidade não havia nenhum indio no Mapuera. Então na realidade a operação Mapuera não foi Mapuera, foi Trombetas. Lá existe um riozinho, formador do Trombetas, chamado Cafuine que chega bem na montanha... Participou da expedição major Rocha, depois gov. de Roraima, ele organizou a viagem de Kanashen até cab. do Cafuine Esses indios viriam conosco e nos ajudariam a construir o campo e na realidade o que estava sendo construído era uma rota aberta para os indios, e se eles quisessem voltar estava aberto. Quanto à Missão, a intenção é que fosse também da Cruzada (missão que se instalaria do lado brasileiro)

Retorno dos Waiwai: foi recente, quando Camarão era comandante 10 anos depois da expedição. Na época da expedição Mapuera foi aberto um campo, o mais próximo de Roraima, e esse campo não tinha ninguém. Era a última clareira antes de entrar nas matas do leste. Nesse campo, posteriormente a cruzada estabeleceu um pequeno posto, ai com nosso auxílio. A cobertura oficial era a FAB que dava. Mas nunca tivemos oportunidade de assistí-los, trabalhavam independentes. Os missionários vieram para o Brasil porque havia certa indisposição com o gov. da Guiana. Ai os indios acharam melhor voltar para o Brasil. Foi numa das paradas nesse campo que cruzei com um chefe indigena, Twka que foi conosco para Belém e la recebeu apoio que ele pediu na ocasião. Foi com um dos missionários como interprete. Esse problema não foi completado: nos ajudamos a se localizarem no Mapuera, começamos a construção da pista, mas ai eu fui promovido e saí. Meu sucessor não deu continuidade, tinha uma ligeira preferencia religiosa. Estava muito preocupado com Americano na área. Esse apoio FAB - Cruzada nunca foi institucionalizado porque nunca foi fácil incluir nas missões da FAB esse tipo de missão. Era evidente o conflito de jurisdição. Como não era explicita, dependia dos comandantes regionais e continuava assim. Os comandantes achavam graça x..... A FAB como um todo tolerava mas não se empenhava. Somente na época da expedição Parima o Ministrou se interessou.....

(exped. Parima)

não foi fácil, os indios se escondiam, eram indios fisicamente mais pobres culturalmente mais atrasados. Quando caiu o helicoptero no meio deles poderia ter surgido algum problema. Eles se escondiam sistematicamente.

...

(Colaboração FAB-missão na área Tiriyó)

Na realidade isso começou a funcionar como se fosse um problema nosso onde os padres estavam prestando a colaboração pouco a pouco eles

foram somando o trabalho na área trazendo doações da Alemanha: Unimog e tratores etc Enquanto eu estava lá essa missão era considerada importante. A gente não tratava de quem mandava, a gente discutia e em geral atendia. Eu sempre fazia o que ~~xxx~~ eles precisavam: assistência de saúde e assistência material mesmo. Nós não tínhamos como fazer isso a não ser na segunda vez que eu era comandante e já tinha autoridade diferente. Senão tinha que equilibrar com o comandante de cima, que poderia estranhar despesas e a gente tinha que fazer tudo isso com muito cuidado. Depois como comandante... a gente tinha muitos recursos, então essas coisas eram detalhes podia perfeitamente ser fornecido rancho, e outras coisas.

O gado: os campos gerais sugeriam o gado, ~~xxx~~ trouxe o gado na época em que estava saindo, pela 1ª vez do com. de Belém. Foram escolhidos o gado em Roraima - gado rústico - transportado em c 47; compraram 10 cabeças e também um vaqueiro. A ideia maior era a seguinte: os índios em vida natural precisam de área muito grande, o conflito com o caboclo avançando é evidente, os campos gerais são muito cobijados... nos tínhamos é que preparar os índios para que amanhã ele pudesse receber os brancos... evitar a desmoralização do índio... o gado era um meio de poder diminuir terra, de dar possibilidade ao índio de sobreviver com uma indústria dele, não dependendo completamente da depredação da natureza...

O gado era de responsabilidade da Missão; a FAB assistia quando havia despesas fornecia apoio logístico necessário, como por ex. trazer um veterinário. Numa segunda etapa, quando Camarão voltou como com., os índios continuaram a tarefa de vaqueiros. Depois surgiu a ideia de expandir isso e foi feito um projeto mais ambicioso. Problema: o homem, homem adequeado à essas tarefas no nosso ambiente militar não havia esse tipo de gente...

dependia nesse setor inteiramente do veterinário; foi através dele que Camarão conseguiu a doação dos primeiros búfalos ~~xxxxxx~~ foi quando Camarão estava saindo, Protasio que os levou. Isso foi em 63. A segunda vez, foi a partir de doação da fazenda do estado, no rio Amazônia fizemos um transporte em massa. Nesse caso também era tudo entregue à missão. A FAB só tinha lá inicialmente um posto meteorológico e depois um pernoite. No começo a gente ficava na missão, depois começou a pesar e construímos um pernoite ~~xxxxxxxxxxxx~~ e rancho...

(Cuxaré) abertura do campo de pouso já no tempo do sucessor de Camarão

(gado): projeto: no comando, um local no QG em Belém para ser uma escola para trazer índios de diversos lugares e poder se familiarizar através do nosso veterinário (Bahia) com os búfalos. Lá já tinha desistido do gado comum... no retiro pastoril: lá búfalos... lá havia índios de onde a gente conseguia pagar. No ~~xxxx~~ Cururu já tinha gado tinha rebanho de 200-300 cabeças..

Os holandeses tentaram reativar a fronteira, fizeram uma fazenda bem no limite. A fazenda foi abandonada e o gado disperso foi reunido pelo frei Paulo, sob sugestão de Camarão, levado para a fazenda da missão. Se amanhã reclamar a gente devolve o gado.

(gado molokopote): Eduardo pediu //

(muda fita: )



quando voltei 8 anos depois o gado estava lá

(projeto de trinômios): em regiões de fronteira: fronteira completamente desguarnecida não é justificável, desde que existem forças armadas onerosas, tinha que achar solução. Ai colocamos (em Molokopote) um posto rádio ~~XXXXXXXXXX~~ um avião enquanto os missionários credenciados estão ajudando os índios <sup>a prospeção</sup>. Nos através do índio sabemos o que se passa por ali e traz informações que só ele pode trazer

(FAB no pará de leste) isto era no programa dos trinômios, mas quem fez foi meu substituto e eu não assistia à operação tempo do brigadeiro Joel O Mamfredo já estava lá na época em que FAB fez a pista. A pista só era assistida pela SII

...  
(no Mapuera) a pista foi feita para que os índios voltem. Anos depois sobrevoando a área, levei um susto, tinha gente: eram ~~XXXXXXXXXX~~ gateiros ...

(volta de Ewka): resolveram voltar, muito perto de minha saída senão teriam tido um apoio muito maior

...  
Estabelecimento da Missão: o provincialiano, chefe da distribuição dos missionários, cedeu inicialmente um frei que não se aguentou. Daí que foi Cirillo e depois quando frei Angelico saiu do Cucuru foi também. A formalização dos trinômios não existe mas não teria sido fácil. A preocupação era que uma mudança na aeronáutica ~~ter~~ poderia trazer um purista e o purista fica na missão <sup>tríplice</sup> ~~XXXXXX~~: perseguir comunista e preparar contra outros inimigos potenciais, guerra fria, etc..

não há Funai na área: como é região de fronteira, nos cobrimos a região e a Funai não entrou, foi decisão da FAB, nem o exército. O exército queria entrar, tinha insistência mas a FAB preferiu que não entrasse. Em nenhuma área houve formalização do trinômio

Yawarete  
Rio Branco....

Mapuera: inicialmente nos fizemos tudo, a Funai não entrou no início veio depois, aí eu não sei. É possível que o Protasio tenha chamado a FUNAI ele ressentia a presença dos missionários americanos, achava que era uma infiltração, nos nunca chegamos a um acordo nesse ponto.

...  
Rio Tiquié: Novas Tribos, tentativa de missão, expulsos pelo Exército depois a FAB tomou conta dessa área

não existe cooperação FAB FUNAI na área norte amazônica

...

M. Lokopote: os índios não paravam lá; a pista foi instalada porque havia esperança de ter mais índios. Aquela missão do SIL não foi prara frente, personalidade do missionário

formação de índios em Belém: os índios vinham quando queriam

Kaxuyana : já não estava no comando de Belém foi o unico grupo que veio de fora, o resto já nasceu lá a transferencia foi feita por iniciativa do missão , fazer uma nova missão lá, talvez fosse o caso,

esse tipo de pequena operação é ótima: dava treinamento, criava conhecimento da área, motivava altamente o pessoal , elas eram do ponto de vista militar extremamente úteis fora o aspecto essencial: auxilio a população que parecia condenada a um desapraceimento logo se a gente não fizesse nada

Asas do Socorro : nos sempre atendemos bem o que eles pediam; cresceram muito trabalho mútuo Em lugares onde nós não podíamos estar presentes eles estavam: Maranhão, etc..

Projeto de educação além do Retiro Patoril! Não porque o retiro ~~era~~ incluía tudo isso: era uma escola prática o indio passaria 6 meses, alguns que queriam se alfabetizar poderiam na escôlinhá e alguns índios conseguiram.

Escolha desses índios: conversamos com os responsáveis e as vezes Funai as vezes a missão, as vezes o ~~prprio~~ chefe ~~da~~ indígena

O Sr . participou da demarcação dos limites do FII? isso talvez saia de ideia dos irmãos Vilas Boas , diretamente com Janio Quadros mas nunca foi enfatizado

qual a perspectiva de demarcar o Parque? já basta a demarcação em carta; o que precisa é de algum investimento para dar vida ao parque: um chefe do Parque , para saber se os índios vão ser mantidos como exemplo da natureza como animais para visitaçao de turistas ou se vão ser aculturados ... eu acho isso uma imoralidade: tem que dar aos indivíduos os elementos que les precisam para sobreviver num mundo cada vez mais difícil , é uma imoralidade séria se comparavel ao abandono da criança brasileira ou voce da assistência médica e ele participa de nossa civilização ou voce deixa na natureza ... os índios são iguais a nós, uma de minhas filhas é india: Apiaka.....

educação bilingue? por exemplo no Cururu havia desperdício; ~~na~~ a missão estava mantendo padrões antigos, de quando os índios eram rusticos e ~~na~~ eles já estavam ficando impacientes e podiam ser desenvolvidos a pura industria extrativa era boa para alguns , não era boa para todos então foi essa a ideia : construímos um prédio e fizemos uma escola de artes industriais ..dar o ensino prático: esquentar um ferro, etc.

dar uma tintura, uma iniciação para certas atividades talvez ai o indio descubra sua vocação profissional . No futuro a gente daria, em Belém a oportunidade dele continuar .

Na prática isto aconteceu em Tiriyó? : Tiriyó eles eram muito atrasados ~~extraordinariamente atrasados~~

entre os vários modelos de aculturamento (sic) aos quais eu assisti o mais eficiente, o mais rápido é o dos salesianos ... pega o indio bota numa escola. com a chegada da Perimetral alguns desses colégios foram atingidos pela Perimetral e talvez os índios puderam aproveitar isso.

ex. citado por Camarão: filho de um brasileiro com uma índia de Yawarete hoje está se formando ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ oficial da FAB. Isso mostra que nossa humanidade é muito igual, a nossa separação é convencional .

escola Tiriyó- bilingue : é uma questão de opção para uma aculturação rápida (colegio salesiano ) ou não. no caso dos Tiriyó era muito inicial ; no Cururu, já estavam no ponto de fazer alguma coisa, já deveriam ter passado para a solução dos salesianos . Diga -se de passagem que o índio do salesiano é um índio melhor do ponto de vista cultural, é um índio que já tem uma certa noção de trabalho, em vida coletiva , já são índios mais numerosos, já são coletividades do que esses índios de miniatura de tribo onde as coisas são muito primárias ( se refere aos Tiriyó).

entre os Tiriyó a Missão aprendeu a alguns índios a guiar trator etc.. mas foi Cirillo ensinava como um artesão antigo ensinava o aprendiz . Na escola a gente sempre ajudou nessa parte, pagava os professores extra

Os professores conseguiam em Obidos, etc, e nos pagavamos .

relatórios, fotos , doc? da expedição Farina, um relatório